



Fotograma do filme *Douro, Faina Fluvial* (1931) de Manoel de Oliveira

## DOURO, FAINA FLUVIAL 1931

**Realização, argumento, sequência,**

**montagem e produção:** Manoel de Oliveira

**Fotografia:** António Mendes

**Cópia:** 35mm, preto e branco

**Duração:** 18 minutos

**Estreia (versão muda):** Salão Central, 19 de Setembro de 1931, no V Congresso Internacional da Crítica

**Estreia (versão sonora, com música de Luís de Freitas Branco):** Tivoli (Lisboa) e S. João (Porto), a 8 de Agosto de 1934

**Primeira apresentação em Portugal (da "versão 2" produzida e realizada por Manoel de Oliveira, com nova montagem e música de Emmanuel Nunes, *Litanies du Feu et de la Mer*):** 18 de Junho de 1996, Cinemateca Portuguesa, no programa comemorativo do Centenário das Primeiras Sessões de Cinema em Portugal.

Assim o *Douro* é que é, até hoje, o nosso melhor filme, e um ótimo documentário em qualquer lugar ou tempo. E porquê? Por uma simples e poderosa razão: Porque o seu realizador é um artista que se exprime através do cinema.

Vários preconceitos (e bem pouca ousadia!) têm presidido à produção dos ainda raros filmes portugueses; entre quais preconceitos avulta o de se crer que o cinema português não terá mercado senão condescendendo com o mau ou, pelo menos, medíocre gosto de certo público. Esta convicção vai ao ponto de senhores muito civilizados se indignarem com a atitude crítica de se julgar um filme... pelo que ele vale! Para tais senhores, nem um crítico de arte cinematográfica tem direito a formular sobre um filme o seu juízo estético: pois se alguém se atreve a encarar um filme como qualquer crítico de arte encara uma obra de arte, logo lhe atiram à cara com o dinheiro que o filme custou, com os esforços que exigiu, com

a necessidade de remuneração do dinheiro e dos esforços, com a conveniência de se não desacreditar a produção nacional, etc., etc., etc. Segundo tal concepção de crítica de arte, não se poderia achar mau um quadro sem se averiguar se o pintor tinha, ou não, dinheiro para boas tintas, tela, caixilho; e não se poderia pensar mal dum livro sem se atender ao tempo e trabalho que custou, à timidez dos editores, ao gosto do público; ou dizer mal duma comédia, ou drama, sem se ter sopesado as despesas de montagem, os interesses do empresário, as atribulações do autor; etc., etc., etc. Ora longe de mim a ingenuidade de condenar os industriais do cinema: Sendo o cinema, para eles, mera indústria, - é coerente obrigarem-se a explorar tudo quanto pareça capaz de lhes devolver os capitais... e pagar juros. O que penso é que também há perante o cinema outras atitudes, outras aspirações, outros pontos de vista; e também não serão, esses, perfeitamente coerentes em quem os tem? Além de pensar (chamem-me embora utopista, provinciano, metafísico..., o diabo!) que entre os meios de se conseguir remuneração pode estar o de se tentar, finalmente, *realizar um bom filme*. Já se pensou em que um bom filme nosso *também* poderia ter público? e poderia o que não podem os nossos filmes tristemente locais - explorar o mercado estrangeiro?

Voltemos agora ao *Douro, Faina Fluvial*: que tudo isto vem a propósito do *Douro*, pessoalíssimo documentário de Manoel de Oliveira. Os que julgam que só há público para as tristes cousas realizadas ao *gosto do público* - reparem que o público e a crítica têm sido concordes em saudar esta arrojada produção. E se em Portugal houvesse, realmente, o desejo de se fazer bom cinema, Manoel de Oliveira e António Mendes, seu precioso colaborador, achariam imediatamente facilidades que lhes permitissem realizar tudo quanto o *Douro* promete. Que o *Douro* não tenha defeitos? Pode tê-los, graças a Deus!, que nem por isso as suas belezas desmerecem. Já se notou que em grande parte do filme as imagens se sucedem (darei que às vezes quase se atropelam) num ritmo que, por vertiginoso, brusco, trepidante, se afasta da maleabilidade desejável. Ora tal ritmo pode traduzir uma intenção, conseguir um efeito (quase sempre é o caso)

e torna-se legítimo. Só o não é quando, por assim dizer, se mecaniza e roça a monotonia. Demais, não é a própria beleza de certas imagens que nos indis põe contra a rapidez com que voam?

Afora estas dúvidas, (e obra-prima não é a que está acima da crítica, mas a que sobe acima dos seus próprios defeitos) o *Douro* é uma pequena obra-prima; e um milagre não só de sensibilidade e inteligência - também de persistência, independência e vontade, dons que tanto nos faltam: Com um mínimo de condições favoráveis, Manoel de Oliveira realizou o que outros não realizam com um máximo. A moderna poesia do ferro e do aço, o encanto da natureza através dos seus vários aspectos e *nuances*, a tonalidade das horas, a alegria e a miséria do homem sócio do animal na luta pelo pão de cada dia, - tudo, ao longo dum dia de actividade na margem do Douro, nos é dado com verdadeira grandeza. Precioso como documentário, o *Douro* excede assim, e em muito, o valor dum mero documentário. Nem um documentário seolve em obra de arte senão na medida em que, sem deixar de documentar o que pretende documentar, é, também, documento dum temperamento de artista. Manoel de Oliveira é artista e poeta, no alto sentido em que, afinal, estas duas palavras são sinónimas. E não é tão fácil de ver que era isso o que ainda não aparecera no nosso cinema? Conseguir boas imagens e boa montagem segundo processos mais ou menos conhecidos, em mira a efeitos de agrado mais ou menos seguro, é, talvez, relativamente fácil; porque é questão de aprendizagem e experiência. Não pode um artista dispensar a aprendizagem e a experiência. Nem de modo nenhum se pretende que Manoel de Oliveira as dispense! Talvez haja, no *Douro*, hesitações (por deficiência ou excesso) que elas lhe ensinarão a corrigir. Mas o que já deixa de ser matéria de aprendizagem para ser manifestação duma vocação própria - é conseguir criar esse halo poético, e transmitir essa vibração humana, que revelam realmente artista (tão artista como o mais sincero cultor de qualquer outra arte) o realizador de um filme. E eis, entre nós, a grande novidade do *Douro*: Ser uma obra de arte.

José Régio

(in *presença*, n.º 43, Dezembro de 1934, p. 14).

